

Capítulo 1

A LINHA DIVISÓRIA É FIXADA

Antes do abismo

O atual abismo entre as gerações ocasionou-se quase que totalmente de uma alteração do conceito de verdade.

Por onde quer que você olhe hoje em dia, é o novo conceito que domina. O consenso ao nosso redor é praticamente unânime, não importa se olhamos para as artes, literatura ou simplesmente lemos os jornais e revistas tais como *Time*, *Life*, *Newsweek*, *The Listener* ou *The Observer*. Podemos sentir por todos os lados as impressões desta nova metodologia – e por “metodologia” estamos querendo dizer o modo pelo qual nos aproximamos da verdade e do conhecimento. É como ficar sufocado num nevoeiro particularmente forte em Londres. E, da mesma maneira que não podemos conter o nevoeiro com paredes e portas, assim também esse consenso se instaura à nossa volta, até que o quarto em que moramos não esteja mais livre dessa poluição, e ainda assim dificilmente nos daremos conta que isso aconteceu.

O trágico de nossa presente situação é que homens e mulheres estão sendo profundamente afetados por esta nova forma de encarar a verdade e nem sequer pararam para analisar a mudança que estava acontecendo. Os jovens nos lares cristãos são educados de acordo

com o velho paradigma da verdade. E então, passam a estar sujeitos à estrutura moderna. Com o tempo, ficam confusos por não conseguir compreender as alternativas que lhes estão sendo apresentadas. A confusão transforma-se em revolta e, antes que eles se deem conta, estão completamente rendidos. Infelizmente, isto não vale apenas para pessoas jovens, mas também para muitos pastores, educadores, evangelistas e também missionários cristãos.

Assim, esta mudança no conceito de como alcançamos o conhecimento e a verdade é, a meu ver, um problema crucial, se observarmos o Cristianismo de hoje.

Quem morasse na Europa por volta de 1890 ou nos Estados Unidos da América pouco antes de 1935 não teria que perder tanto tempo, na prática, refletindo sobre os seus próprios pressupostos (estas datas são arbitrárias, pois a mudança chegou, na Europa ao menos, de maneira bastante gradual. Nos Estados Unidos da América, os anos decisivos da mudança foram de 1913 até 1940, e ao longo desses relativamente poucos anos todo o modo de pensar passou por uma revolução. O ano de 1913 foi um dos mais importantes nos Estados Unidos, não porque se tratava do ano anterior à Primeira Guerra Mundial, mas por outra razão altamente significativa, como veremos mais adiante).

Antes dessas datas, todos trabalhavam com base nos mesmos pressupostos que, na prática, pareciam estar de acordo com os pressupostos do próprio Cristianismo. Isto é verdade, tanto no campo da epistemologia quanto no da metodologia. *Epistemologia* é a teoria acerca de como produzimos conhecimento, ou de como podemos ter certeza de que o que pensamos que sabemos do mundo à nossa volta é correto. *Metodologia* é a forma como atacamos a questão da verdade e do conhecimento.

Pode ser argumentado que os não-cristãos não tinham razões para agir com base nos pressupostos pelos quais agiam. É verdade. Estavam sendo românticos em aceitar respostas otimistas, sem base suficiente. No entanto, eles continuavam pensando e agindo como se tais pressupostos fossem verdadeiros.

E quais eram esses pressupostos? O pressuposto básico diz que há de fato coisas como absolutos. Eles aceitavam a possibilidade de um absoluto no campo de Ser (ou *conhecimento*), e no campo da *moral*.

Por isso, porque eles aceitavam a possibilidade de absolutos, embora as pessoas possam ter discordado do que fossem esses absolutos, ainda assim eles podiam raciocinar juntos, a partir da base clássica da *antítese*. Eles tinham por certo que, se há alguma coisa verdadeira, o oposto tem de ser falso. Quando se trata de moral, se algo é verdade, o contrário é falso. Esta pequena fórmula, “A” é “A” e “Se você tem A, ele não é não-A”, é o primeiro passo da lógica clássica. Quando compreendemos as extensões de isto não mais ter apoio nos damos conta da nossa condição atual.

Absolutos implicam *antítese*. O não-cristão romanticamente persiste agindo sobre esta base, sem motivos suficientes, com uma base inadequada para agir desta maneira. Assim, ainda seria possível discutir o que seria certo e errado, o que seria verdadeiro e falso. Poderíamos dizer a uma não-cristã para “ser uma boa menina” e, ainda que não seguisse o nosso conselho, pelo menos teria noção do que estávamos falando. Agora, se fôssemos dizer a mesma coisa a uma garota realmente moderna dos dias de hoje, ela o consideraria um conselho “absurdo”. O olhar desentendido que provavelmente receberíamos em resposta não significaria uma rejeição aos nossos padrões, mas que a mensagem não faz absolutamente sentido algum para ela.

A mudança de paradigmas foi tremenda. Há trinta ou mais anos você podia dizer coisas do tipo “Isto é verdade” ou “Aquilo é certo”, e estaria falando numa linguagem compreensível a todos. As pessoas podiam ou não estar sendo coerentes com as suas crenças, mas todas estariam conversando umas com as outras, pressupondo que a ideia da *antítese* é correta. Assim, no evangelismo, em assuntos espirituais e na educação cristã, você poderia começar com a certeza de que sua plateia o entenderia.

A apologética pressuposicional teria impedido o declínio¹

Sem dúvida, foi lamentável o fato de que os nossos “pensadores” cristãos, antes que a mudança se instalasse e que o despenhadeiro fosse estabelecido, não tenham ensinado e pregado com base em uma